

V.

Se o Grande, o que nos orbes diamantinos
Tem curvos a seus pés dos reis os fados,
Novamente me der ver animados
De modesta ventura os meus destinos,

Se acordarem na lira os sons divinos
Que dormem, já da glória não lembrados,
Ao coro etéreo, cândidos e alados,
Honrar com ele um Deus ireis, meus hinos.

Mas da humana carreira inda no meio
Se a débil flor vital sentir murchada
Por lei que envolta na existência veio,

Com a mente pelos Céus toda espreiada
Direi, de Eternidade ufano e cheio:
— A Deus, ó Mundo!, ó Natureza!, ó Nada!

VI

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões que me arrastava.
Ah!, cego eu cria, ah!, mísero eu sonhava
Em mim quase imortal a essência humana.

De que inúmeros sóis a mente ufana
Existência falaz me não dourava!
Mas eis sucumbe a Natureza escrava
Ao mal que a vida em sua origem dana.

Prazeres, sócios meus, e meus tiranos!
Esta alma que sedenta em si não coube
No abismo vos sumiu dos desenganos.

Deus, ó Deus!... Quando a morte à luz me roube
Ganhe um momento o que perderam anos,
Saiba morrer o que viver não soube!

VII

Se na que, morna e lúgubre, murmura
Corrente averna, como as sombras densa,
Der queda enorme a sôfrega doença
Que à vida quer sorver-me a fonte impura,

De eleitos vegetais sagaz mistura
Não foi rívido estorvo à morte intensa;
Só pode aos olhos meus virtude imensa
A do horror ferrolhar morada escura.

Arde, ó estro! Fulmina o monstro humano,
Que origem vil ao mundo, a si presume,
E à causa divinal repugna insano;

Salve, Princípio d'alma, etéreo lume!
Se um Deus não fora, que seria Elmano?!
Existe o vate porque existe o nume.